**A festa do Deus dançarino**

Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior

Festa é a palavra mais bem-amada por um jovem, uma família e um povo. Tem a força de aliviar a canseira do viver marcado por rotina, trabalho e sofrimentos. É o momento de pausa e deleite do corpo e da alma. Todos participam de sua alegria, da espontaneidade presente, dos jogos de vida e emoção compartilhados e da celebração comunitária. Fazer festa, festejar, ser festeiro são tarefas assumidas sem pestanejar. Por vezes a festa exige trabalho árduo, mas ninguém reclama demais. É tal qual um parto, com sua expectativa e dores, mas quando nasce a criança, ou seja, quando estamos imersos na festa, o tempo para e a alegria é desbordante. Esquecemos as mazelas da vida e curtimos. Como dizem os jovens: “Cara, é agora, é a *happy hour*”.

O dançarino e coreógrafo francês (1927-2007) assim se exprimia ao falar da dança: “A dança é um jogo, a dança é um clamor, a dança é uma oração, é um meio de sair de si. As pessoas não dançam mais, pois nossa civilização exacerbou a noção do eu (...). Constantemente nos encontramos engolidos pela problemática do eu: a agressividade, a violência exageram o eu; existem o eu e os outros, existem o eu e mundo; existem o eu e Deus (Maurice Béjart, Art Sacré, n. 1, 1969, p. 20)”. O que o dançarino escreve sobre a dança podemos estender à festa como bela ocasião para se livrar das situações embaraçosas ou rotineiras. De certa forma uma possibilidade de superar a realidade e paralisar o espaço e o tempo pela alegria atemporal da festa. Distanciar-se do eu que faz sofrer e do próprio mundo para experimentar um intervalo de alegria e paz. Atualmente todos buscam viver momentos especiais de festa para confrontar e até atacar o mundo demasiadamente regrado por burocracias. A festa é aceitar o sopro do Espírito de Deus que sopra onde quer, quando quer e que ri das ideologias e do rigorismo e das ortodoxias inumanas. A festa é um presente dos céus para uma vida serena e leve na terra.

Os cristãos tem uma longa e duradoura tradição festiva. Receberam isso de herança do povo judeu, que tem o ano lunar marcado por festividades agrícolas e da virada das estações e dos solstícios e equinócios. As festas judaicas são marca indelével do povo semita e em geral duram sete dias. Os cristãos aprenderam a cultivar sua identidade sem jamais negar a festa e sua função terapêutica e de conexão com o Deus criador. Cristianismo não é lugar para gente sisuda e com cara de funeral. Cristianismo é festa, alegria, abraço, partilha de comida e bebida. Existe na festa uma maneira especialíssima de afirmar as esperanças do Cristo e de exorcizar os medos, instaurando um universo diferente onde as fraquezas naturais ou impostas são superadas e vencidas. Cantar a vida com maior vigor que a cantoria de morte ou desespero dos profetas da desgraça que querem impor o hino de morte. A festa cristã é um ato de rebeldia. A liturgia cristã é um momento de festa semanal. A festa no cristianismo é dimensão essencial para compreender os sacramentos. Batismo é a festa das águas. Crisma é festa do óleo perfumado. Eucaristia é festa ao redor da mesa. E mesmo a confissão e a unção, sacramentos de cura, são festas do corpo que quer perdão e afeto. Matrimônio é festa, mesmo antes do baile dos noivos. Já ao dizer sim, a festa explode na Igreja e as alianças são compromisso vital. O sacramento da Ordem é também repleto da alegria pascal do novo ministro do Evangelho. É do coração de cada um dos sacramentos mostrar o rosto invisível do Deus que dança e canta conosco. Não há alegria maior no mundo que estar em Deus e sentir-se amado por ele. Essa é a cereja do bolo. É a dança do amigo e do Amado. É o presente ricamente adornado com o papel de festa. Assim diz Otto Maduro: “Viver a vida é, entre outras coisas (e, sobretudo, quem sabe?), buscar a vida feliz e não meramente sobreviver. A vida que se reduz exclusivamente à luta pela sobrevivência – para não morrer e nada mais – é vivida como pesadelo, como situação desesperadora, como um mal. Este é o caso de pessoas e populações vítimas de graves enfermidades, secas e fomes, violência física ou psicológica. Mas vida que buscamos e apreciamos é aquela que sentimos como vida em abundancia: vida que é possível gozar junto com os outros, sem pôr em perigo que os outros também a gozem; vida a desfrutar sem destruir a possibilidade de usufrui-la até a mais avançada idade; vida digna de celebrar em comunidade e de recordar depois com saudade... a vida boa, a vida feliz. A vida que merece ser preservada, nutrida, comunicada, reproduzida e festejada – é o desfrute compartilhado do afeto, da companhia, do trabalho, do alimento, do descanso, da arte, do jogo, da dança... enfim, da festa! (Otto Maduro, Mapas para a festa – reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento, Petrópolis: Vozes, 1994, p. 30-31)”.

**Cristianismo não é masoquista, nem triste**

Percebemos como alguns pastores, padres, leigos cristãos por séculos transformaram a origem festiva da fé cristã em dolorismo, penitência, tristeza sem fim, dando ênfase ao demônio, à possessão, às penitencias e aos rigorismos, entristecendo a esperança cristã e aniquilando sua alegria intrínseca. Esses corações petrificados acabaram por produzir um catolicismo doente e embrutecido. Algumas paróquias estão, ainda hoje, contaminadas por tanta amargura e ressentimento. Quem mais sofre com a ausência da dimensão festiva é o corpo domesticado. Essa é a razão para que os machucados pelos sistemas de opressão busquem alternativas em festas escondidas ou subterrâneas fora das religiões ou ao menos das instituições religiosas. Perdeu-se a memória das festas libertárias nascidas no ventre do cristianismo primitivo. Temos noticias disso na história do povo negro escravo no Brasil e mesmo nos campos de concentração nazistas durante a guerra mundial. Guardar a festa quando a classe dominante semeia a morte é a maior resistência e memória libertária dos oprimidos. Assim diz o livro do Êxodo 12,17 ao citar a festa da Páscoa: “Guardai a festa dos pães ázimos, porque naquele mesmo dia tirei vossos exércitos da terra do Egito; guardareis este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo”. Assim pede o apóstolo Paulo aos primeiros cristãos por volta dos anos 50 da era cristã: “Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós. Por isso façamos festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade (1 Cor 5,7-8)”. Os cristãos perseguidos pelo império Romano são capazes de perceber o futuro do mundo em chave alegre e não catastrófica e escrevem no livro da Revelação: “Por isso alegrai-vos, ó céus, e vos que neles habitais (Ap 12,12)”.

Há, obviamente, também hoje, um excesso na outra ponta, pois certo cristianismo cai no ridículo do simulacro totalmente artificial. Padres e paróquias produzem tamanho ruído no canto durante os cultos, que a festa cristã perde a sua originalidade tornando-se máscara de emoções sem suavidade. Verifica-se então o excesso que desvirtua. Como diria o filósofo grego: a virtude está no meio. Nem pouca festa nem excesso de festa. A medida certa da festa é o encontro pessoal e comunitário com o Deus da vida. Não será o volume de decibéis ou nuvens de gás carbônico que tornará a festa um momento de beleza. Não é a roupa brilhante e cheia de purpurina que faz a alma cantar e louvar. Festa não é desfile de modas ou narcisismo mal resolvido. Estes inclusive são capazes de matar a festa em sua raiz mais profunda e livre. São maquiagem carregada de mau gosto. Festa é sempre frugal, simples e despida, se é de fato uma festa cristã. Festa é alegria que nasce dentro dos corações. Afirma um Deus que dança com um povo que aceitou o convite para o baile. Assim dirá o eminente sacerdote tcheco: “Será que Jesus – e o Deus Triuno, que nele se revela – pode ser um Deus que dança? Os evangelhos apócrifos descrevem sem qualquer vacilo que Jesus dançava com seus discípulos (não temos qualquer razão para acreditar que essa imagem seja menos autentica do que muitas lembranças preservadas pelos evangelhos canônicos). Não precisamos nós daquele espírito das crianças, do qual Jesus falou quando prometeu o Reino de Deus àqueles humildes e corajosos o suficiente para nascer mais uma vez, para tornar-se criança mais uma vez, para termos acesso a esse palco de dança da liberdade pascal? (Tomás Halík, Toque as feridas – sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação, Petrópolis: Vozes, 2016, p. 74-75)”.

**A festa está inscrita no DNA dos cristãos**

Jesus nos deu a justa medida da festa sem medidas: que os que seguem o Evangelho do Reino expressem a acolhida aos pobres, que partilhem os bens e transformem o mundo pela paz ofertada e amor compartido. Jesus sempre fez parte ativa das festas de seu povo judeu: em Caná, em Nazaré, em Cafarnaum, em Jerusalém. Seus pais o levam para a festa da circuncisão aos oito dias de nascido. Ele certamente celebra a grande festa da adolescência (Bar-Mitzvah) com 13 anos. Participa dos casamentos de parentes e amigos. E alegrava-se imensamente com as festas de primavera (Hag Hamatsot e Hag Shavuot), verão e outono (Hag Hasukot). Ficamos a imaginar em seu povoado de Nazaré a alegria que mexia com o coração na festa da tosquia das ovelhas. Estas festas agrícola-pastoris sempre foram combinadas desde cedo com os temas da presença de Deus na vida do povo de Israel. Festa é sinônimo de Shalom (paz, em hebraico). Festa unia Deus à vida diária do povo. Não havia separação entre religioso e profano. Deus e o povo cantavam e dançavam juntos. A pregação de Jesus principia ao proclamar um ano sabático ou jubilar. Ano de festa e júbilo. Terra devolvida e alforria para todos é o começo do Evangelho. A festa começa com a liberdade garantida às pessoas acorrentadas. Corrente é negação da festa e do Evangelho. Emancipar todos os escravos é a primeira condição para poder festejar. Ao assumir as esperanças e angústias de todos os seres humanos, Jesus participa da festa de seu povo, transformando água em vinho. Se o caráter de Jesus era de alguém determinado e focado, o era de forma alegre e não como um rabugento ou autoritário. Jesus sabia o que queria tendo sempre um sorriso nos lábios. Seu proposito firme de ir a Jerusalém não o impedia de tocar e ser tocado pelos caídos nas estradas e sorrir para eles. O sorriso de Jesus já era um gesto de caridade. Jesus era um homem simpático que agregava as pessoas ao seguimento. Assim diz o teólogo Pagola: “É muito raro em nossos dias ouvir pregar sobre a felicidade. Há tempos que ela desapareceu do horizonte da teologia. Ao que parece, esqueceu-se aquela explosão de júbilo que viveu nas origens o cristianismo e acabamos ficando exclusivamente com as exigências, a lei e o dever. A impressão global que os cristãos dão hoje é de uma fé que estreitaria e angustiaria a vida do homem, que alienaria sua ação e mataria seu prazer de viver. A acusação de F. Nietzsche, em geral, é correta. Não temos feições de redimidos, parecemos ‘pessoas acorrentadas do que libertadas por seu Deus’ (José Antônio Pagola, É bom crer em Jesus, Petrópolis: Vozes, 2016, p. 15)”.

**A festa não participa da alienação**

A festa não é só diversão ou mesmo, distração, mas é a alegria certa e verdadeira de estar em Deus, de só viver feliz quando todos os demais são felizes. É sorrir com o sorriso gratuito de uma criança. É alegrar-se com o rosto de uma mulher que acaba de ganhar um bebe, sentindo-se parteiro com ela. É festejar com o aniversariante como que apagando com ele as velas do bolo. É resistir à perseguição ofertando a quem amamos uma pequena flor em dia distinto da festa do casamento, ou seja, surpreendendo o/a outro/a com gestos delicados e inusitados. A festa se fortalece na surpresa e no presente escondido. Não é troca mercantil. Não é compra nem venda. É gratuidade. É carinho. É quebrar a ordem tradicional rompendo os muros. Há sempre um quê de rebeldia e subversão em cada festa vivida e celebrada. A festa é a quebra do ordinário pela presença de algo ou Alguém que nos visita, extraordinariamente. Na festa, os festeiros suspendem e paralisam o tempo. Cristianismo é também vida antes da morte. E vida marcada por emoções compartilhadas. É festa provisória como aperitivo do Reino definitivo. A festa é uma alegria coletiva que brota do riso e do contraste. Assim demonstra o professor Jorge Claudio: “A expressividade da festa do povo explode no canto, na dança, nas roupas à fantasia e outros recursos visuais. A expressividade popular é, sobretudo social, criadora de igualdade. A dança rompe com a fadiga dos movimentos automatizados, retilíneos, solitários. Concluindo. Conflito, contraste, gratuidade, utopia e expressividade são elementos através dos quais a festa realiza sua pedagogia espontânea (Jorge Cláudio Noel Ribeiro Júnior, A festa do povo, Petrópolis: Vozes, 1982, p. 56-57)”.

Vale lembrar que o maior de todos os momentos das Igrejas cristãs é a festa da Eucaristia. Os cristãos atribuem a ela muitos nomes: Ceia pascal, Ceia do Senhor, Missa, Liturgia Eucarística, Banquete do Cristo, Mistério da fé. Todos para demonstrar que o Deus da vida participa das celebrações festivas de seu povo fiel. Eucaristia é celebrar as maravilhas de um Deus Pai que se alegra com seus filhos. Uma das mais belas parábolas de Jesus, contada por dois evangelistas, Mateus e Lucas, fala dos convidados ao banquete, dizendo que deveriam ser chamados primeiro os não convidados, ou seja, os jamais convidados, os desprezados e relegados aos últimos lugares ou a lugar nenhum. Jesus usa do humor e da ironia fina para criticar os notáveis e a elite religiosa que considerava o pobre, escória e refugo. Diz Gustavo Gutierrez ao analisar este trecho do Novo Testamento: “Mateus chega a dizer algo surpreendente: Saíram os criados pelos caminhos e reuniram todos os que encontraram, maus e bons, a sala da festa ficou cheia de convidados (Mt 22,10). Maus e bons, nessa ordem. Uma vez mais se trata não de mérito de ordem moral, mas de uma situação objetiva de pobres e aleijados, cegos e coxos (Lc14,1), que os convidara à sua mesa: preferir os últimos, os distantes, os que não podem corresponder (Lc 14,14) (Gustavo Gutierrez, O Deus da vida, São Paulo, Loyola, 1990, p. 152)”.

Essa é a razão para que o papa Francisco insista tanto em proclamar o Evangelho da Alegria: "Nós pensamos sempre em Jesus quando ele pregava, quando curava, quando caminhava, quando ia pelas ruas, também durante a Última Ceia. Mas não estamos tão acostumados a pensar em Jesus sorridente, alegre. Jesus era cheio de alegria. Alegria que derivava da intimidade com o Pai. É precisamente o mistério íntimo de Jesus, o relacionamento com o Pai, no Espírito. É a sua alegria interior que Ele nos dá. Essa alegria é a verdadeira paz: não é uma paz estática, quieta, tranquila. A paz cristã é uma paz alegre, porque Jesus é alegre, Deus é alegre. Não se pode pensar em uma Igreja sem alegria e a alegria da Igreja é precisamente isso: anunciar o nome de Jesus. Paulo VI dizia: a alegria da Igreja é evangelizar e transmitir essa alegria aos seus filhos (in: <http://w2.vatican.va/content/francesco/it/cotidie/2013/documents/papa-francesco-cotidie_20131203_pace-rumorosa.html>, consultado em 13/05/2018)”.